



APRESENTAÇÃO

Marcos Ribeiro de Melo¹
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos²
Ana Ângela Farias Gomes³

O **Gepiadde** traz a público o volume 28 da **Revista Fórum Identidades**, referente ao terceiro quadriênio de 2018 (setembro-dezembro). Este número traz um dossiê sobre **Cinema, imagens e contranarrativas da diferença** e uma seção livre com pesquisas das áreas de Educação, Cinema, Interdisciplinar, Ensino, Psicologia e Letras. Respeitando a proposta editorial deste periódico, mantemos o debate acerca dos processos culturais e suas diferenças, ressaltando a importância aos direitos individuais e ao livre pensamento acadêmico.

Quanto ao Dossiê sobre Cinema, interessa-nos a questão da alteridade e da diferença. “Seria o cinema uma nova maneira de pensar o outro?”, indaga-nos Badiou (2015, p. 60), para logo em seguida afirmar que o cinema não só é um novo pensamento sobre o outro, como também nos permite conhecê-lo, pois “nos apresenta o outro no mundo, na intimidade, no seu modo de relacionamento com o espaço, com o mundo” (BADIOU, 2015, p. 60). Seria o cinema uma nova maneira de nos pensarmos, outrando-nos? Na relação olhar e ser olhado pela tela, perscrutamos um cinema-experiência, algo que nos aconteça, que faça tremer, vibrar, gaguejar as formas dominantes de linguagem, pensamento e subjetividade, como diria Larrosa (2017). Uma experiência fílmica, algo que nos force a pensar, algo que lute por expressão, por dar alguma forma ao tremor que vem da ousadia de por os pés no chão da vida.

¹ Doutor em Sociologia (PPGS/UFS), professor do Departamento de Psicologia (UFS) e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE/UFS). E-mail: marcos_demelo@hotmail.com

² Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS), professora do Departamento de Psicologia (UFS) e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI/UFS). E-mail: michelevasconcelos@hotmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos), professora do Departamento de Comunicação Social no curso de Cinema e Audiovisual (UFS) e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE/UFS). E-mail: anaangelaufs@gmail.com

Inventar-nos na relação com imagens, habitar territórios coletivos que vão aquém e além do conhecido, do seguro e do garantido, daquela vontade de investigação e de exotificação do outro, dando-lhe uma cara cristalizada, uma identidade, distanciando-o de nós. Nessa direção, a pergunta essencial que pode dar algum norte às narrativas ensaiadas:

[...] não é a inofensiva e narcisista “quem sou eu?” [“Quem são os outros?”], e sim a perturbadora e perigosa “o que faço aqui?” [“O que fazemos aqui?”]. Por isso aqui, no limbo, o principal não é interrogar o que somos [o que são os outros], e sim onde estamos. E isso para partir imediatamente (LARROSA, 2017, p. 105).

Inspiradas/o por essa pergunta e pelo desejo de partir, de cantar um “canto de experiência” (LARROSA, 2017), apostando que a “a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido” à narrativa (LARROSA e KOHAN, 2017, p. 5), apresentamos às/aos leitoras/es os sete artigos que compõem o dossiê **Cinema, imagens e contranarrativas da diferença**, resultado de uma ação integrada entre o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE/UFS – mestrado) e o Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI/UFS – mestrado e doutorado), e dos seguintes grupos de pesquisa constantes na base corrente do CNPq: Grupo de Estudos e Pesquisas Identidades e Alteridades: Desigualdades e Diferenças na Educação (UFS/CNPq), Grupo de Pesquisa Balbucios: gaguejar uma infância (UFS/CNPq) e o Laboratório de Pesquisa e Produção em Audiovisual (UFS/CNPq).

O trabalho de Mário Francis Londero e Simone Paulon, **A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA**, abre o dossiê com a análise de filmes, sobretudo o italiano *Si Può Fare*, utilizando conceitos da esquizoanálise, da filosofia foucaultiana e da clínica psicanalítica, propondo reflexões sobre as práticas de cuidado oriundas da Reforma Psiquiátrica e as tensões que elas produzem em um contexto demasiadamente normatizador dos corpos.

Em seguida, o artigo de Suzana Libardi e Conceição Seixas, **DIFERENÇA E A INFÂNCIA INDÍGENA NO BRASIL: UM OLHAR A PARTIR DA NARRATIVA CINEMATOGRAFICA**, discute a infância indígena no Brasil a partir do documentário *Waapa*, tomando a educação e o convívio entre diferentes gerações como possibilidade para pensar o lugar das crianças em suas comunidades e, ao

mesmo tempo, refletir sobre as diversas possibilidades de narrar a infância.

No terceiro escrito do dossiê, **KOYANISQATSI (1982): CINEMA COMO EXPRESSÃO DE DISTOPIAS E UTOPIAS**, Armando Castro e Maria Tereza Ribeiro partem do filme *Koyanishqatsi* para produzir uma reflexão desta obra artística como potencial vetor de sensibilização e posicionamento político-estético que realça a necessidade de um modo de produção menos excludente e esbanjador dos recursos naturais e humanos.

O trabalho da pesquisadora Paula Santana, **DECOLONIZAÇÃO DA PRÁXIS CINEMATOGRAFICA EM PUNALKA, EL ALTO BÍO-BÍO DE JEANNETTE PAILLÁN: ALTERIDADE, AUTORREPRESENTAÇÃO E LUTA DO POVO MAPUCHE**, utiliza o documentário para discutir caminhos para a *decolonização* da práxis cinematográfica. Segundo a autora, a obra da cineasta mapuche Jeannette Paillán está na contramão das estereotípias da indústria cinematográfica e do cinema ocidental hegemônico, com narrativas sobre a natureza, a cultura material, o rito e a cosmologia, realçando aspectos importantes de uma autorrepresentação do povo Mapuche.

Em **A MEDIANERA COMO A-BJETO OLHAR: NOTAS SOBRE O FILME “EL HOMBRE AO LADO”**, Rogério Paes Henrique e Livia Oliveira, baseados em teses lacanianas e nos trabalhos de Jaques-Alain Miller, analisam o longa argentino e as relações de seu protagonista com as vicissitudes do objeto olhar.

No artigo de Liadiane Guedes, **ARQUEOLOGIA DO OLHAR E OS SENTIDOS DA CARTO(FOTO)GRAFIA NA FORMAÇÃO EM SAÚDE MENTAL**, encontramos um texto construído a partir de fragmentos-vestígios de memórias, afetos e imagens fotográficas que acompanham o percurso da pesquisadora e do viver com o campo da saúde mental. Como afirma a autora, na composição entre a câmera, inspirações deleuzianas e a metodologia cartográfica, constitui-se uma escrita denominada de carto (foto) grafia.

Por último, o trabalho de Aline Frey e Renato Izidoro, **DIREITOS CULTURAIS E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL ASHÁNINKA NO DOCUMENTÁRIO “A GENTE LUTA MAS COME FRUTA”**, a partir do referido documentário, realiza uma análise sobre as conexões entre

desenvolvimento sustentável e o modo de vida tradicional do povo Asháninka baseado em seus conhecimentos e cosmologias.

Nos artigos deste dossiê, encontramos cantos cartográficos que ousam a aventura de acompanhar regiões ainda por vir. Que os escritos aqui dispostos possam dar pistas para a composição de uma aliança, de uma atitude político-afetiva de ensaiar uma experiência feita com palavras, imagens, pensamento, suores, gestos, uma experiência a funcionar tal qual um filme que atravessa o corpo do/da espectador/a, arrebatando seus sentidos, consciência e agência (ELSAESSER e HAGENER, 2018), forçando e deslocando seus pensamentos e suas compreensões de mundo, pois já não cabe compreender e sim inventar mundos. Aqui, o gerúndio não é cacoete, pois se trata justamente disso: um ir dando forma a mundos (im)possíveis por meio dos rastros de força e vibração que vem da tentativa de fazer pesquisa, escrever e pensar descendo para um chão onde a vida possa acontecer. Assim, convidamos os/as leitores/as a serem coparticipes deste movimento de contranarrar-se e, a partir da potência do cinema-que-pensa, inventar uma vida. Finalizamos, permitam-nos, novamente com Larrosa (2017, p. 74): “A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos [...], com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser”.

Na abertura da seção livre, temos o texto **POS-MODERNISMO E POS-ESTRUTURALISMO: DOS IMPOSTERGAVEIS NA TEORIA FEMINISTA**, da cubana María Antonia Miranda González, que propõe um debate atual sobre epistemologias feministas pós-modernas com ênfase nas abordagens de Judith Butler e Jane Flax. O artigo, relaciona o pensamento pós-estruturalista com a estética pós-moderna a partir da produção literária de que funcionam como bases fundadoras do pensamento pós-estruturalista. Trabalha com as categorias de Nélida Piñón, Gloria Anzaldúa, e Isabel Allende.

No texto seguinte, **MULHER NEGRA: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA**, Edemar Souza Monteiro e Maria de Lourdes Fanaia fazem um estudo de relatórios de polícia, relatórios presidente província, fontes cartoriais e paroquiais e jornais do século XIX para decifram o lugar de fala da mulher negra no contexto escravista. No terceiro texto da seção livre, em **NARRAR A SURDEZ, NARRAR A DIFERENÇA: REPRESENTAÇÕES DE**

PERSONAGENS SURDOS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL, Paulo Roberto Tonani do Patrocínio e Débora Maria da Conceição Roque analisam as representações da surdez e dos sujeitos surdos na literatura infantojuvenil dando ênfase ao estudo de duas narrativas literárias *Ane e Jota: Amigos de mundos diferentes*, de Luciane Rangel, e *Ecopiratas em Fernando de Noronha*, de Beto Junqueira.

Na sequência, em **OS ESTUDOS DA LINGUAGEM E DA COMUNICAÇÃO NO CAMPO CTS: uma análise do documentário *Condenados pelo progresso***, Mariana Gonçalves Luccas e Valdemir Miotello propõem um estudo acerca da linguagem educativa usada no documentário *Condenados pelo progresso*, para difundir os benefícios do uso das linhas rodoviárias em comparação às linhas férreas. Depois, em **A EXPRESSIVIDADE DO INDIVÍDUO E DA REALIDADE SOCIAL NA IMAGEM DO FILME**, Rodrigo Oliveira Lessa faz um estudo acerca da realidade social nas narrativas filmicas. Através de uma discussão sobre o modo como o traço *desantropomorfizador* da imagem do filme captura a interação dos indivíduos com a vida social e material. A partir da perspectiva materialista e dialética do estudo da arte o autor problematiza questões como representação, ideologia e modos de interações sociais.

Logo em seguida, temos o artigo **GEOGRAFANDO A CIDADE DE MANAUS NAS OBRAS DE MILTON HATOUM**, de Francisca de Lourdes Souza Louro e José Aldemir de Oliveira, que traz um estudo sobre as relações da obra do amazonense Milton Hatoum e os espaços de sua cidade natal, articulando aspectos arquitetônicos com as opções estéticas do escritor. Destacamos ainda que o artigo ressalta o olhar utópico do estrangeiro para a cidade. Fechando a seção livre, temos um estudo histórico africano acerca da evolução das palavras na oralidade de Angola, em **REFLEXÃO SOBRE A EVOLUÇÃO SEMÂNTICA NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA-ANGOLA**, Eduardo David Ndombele e David Fonseca Quimuanga apresentam dados de uma pesquisa de campo dos falantes do distrito de Kilamba Kiaxe, apontando diversos sentidos que as palavras foram adquirindo ao longo dos anos. Os autores usam a sociolinguística para fundamentar a reflexão sobre as palavras coletadas por meio de entrevistas e para concluir que os sentidos são adequados conforme os interesses dos usuários da língua.

As organizadoras e o organizador deste volume agradecem a contribuição dos autores e das autoras que, gentilmente, cederam seus

textos para a **Revista Fórum Identidades**, possibilitando a divulgação dessas pesquisas acerca das experiências fílmicas e contranarrativas presentes nos artigos da seção livre.

Itabaiana, novembro de 2018.

Referências

BADIOU, Alain. O cinema como experimentação filosófica. In: YOEL, Gerardo (org.). **Pensar o cinema**: imagem, ética e filosofia. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 31-82.

ELSAESSER, Thomas; HAGENER, Malte. **Teoria do cinema**: uma introdução através dos sentidos. São Paulo: Papirus, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

LARROSA, Jorge; KOHAN, Walter. Apresentação da coleção. In: LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017, p. 5-6